

**Navegando nas águas do Facebook: dos posts às práticas**

*Navegando por las aguas de Facebook: de las publicaciones a las prácticas*

Mirian de Oliveira Bertotti

Geovania de Souza Andrade Maciel

Robson Fonseca Simões

**Universidade Federal de Rondônia (UNIR)**

Porto Velho- Brasil

**Resumo**

Este artigo representa a tentativa de professoras da Educação Básica em ampliar os olhares sobre as práticas pedagógicas. Busca compreender os discursos dos educandos que se materializam nas redes sociais virtuais, debruçando-se sobre postagens no Facebook, em páginas que veiculam conteúdo estudantil e, através da netnografia, método de natureza qualitativa, analisa os conteúdos e comentários compartilhados na rede social virtual. As vozes juvenis dispostas em rede podem desvelar relações sociais ocultas no espaço escolar e trazer indagações sobre a prática educativa, destarte, ponto de partida para um repensar de práticas pedagógicas que dialoguem com o real e que vão ao encontro das necessidades dos alunos.

**Palavras-chave:** Práticas Pedagógicas; Redes Sociais; Educação.

**Resumen**

Este artículo representa el intento de las profesoras de la Educación Básica de ampliar las opiniones acerca de las prácticas pedagógicas. Busca comprender los discursos de los alumnos que se materializan en las redes sociales virtuales, volcándose sobre publicaciones en Facebook, en sitios que publican contenido estudiantil y, a través de la etnografía, método de naturaleza cualitativa, que analiza los contenidos y comentarios compartidos en la red social virtual. Las voces juveniles dispuestas en red pueden revelar relaciones sociales ocultas en el espacio escolar y traer preguntas acerca de la práctica educativa, por lo tanto, punto de partida para un replanteamiento de las prácticas pedagógicas que dialoguen con el real y que vayan al encuentro de las necesidades de los alumnos.

**Palabras-clave:** Prácticas Pedagógicas; Redes Sociales; Educación.

## 1- Recolhendo as âncoras: considerações iniciais

*Criar meu web site  
Fazer minha homepage  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada e um barco que veleje  
Que veleje nesse info-mar  
Que aproveite a vazante da info-maré  
[...]  
Eu quero entrar na rede  
Promover um debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut  
(Pela [...], 1997).*

O trecho inicial pertence a uma canção de 1997 de Gilberto Gil. Nela o autor apresenta a liberdade que os usuários encontram para navegar e se comunicar, é um convite para pensarmos sobre cibercultura, ciberespaço e as inúmeras possibilidades apresentadas por esse “info-mar”. Com o advento da internet e das tecnologias digitais, nossa cultura está intimamente ligada à conectividade, à interação, à conexão entre os sujeitos e o mundo.

Organizar-se em grupos sociais é uma necessidade humana. No período pré-histórico, o grupo era um mecanismo de defesa para enfrentar a natureza ou se defender de um inimigo em comum; atualmente a interação com outros indivíduos é vista e entendida como um mecanismo de organização social. Neles, memórias são construídas, aprendizados compartilhados, cria-se uma identidade individual, coletiva e cultural.

Nos tempos atuais nos deparamos com uma quantidade expressiva de material informacional e do mesmo modo estamos propensos à troca e ao compartilhamento de informações. Tornou-se cotidiano estabelecer vínculos sociais através das redes virtuais, “consideradas espaços de produção de sentido que permitem partilhar significados” (Simões, 2020, p. 201).

Em tempos de organização em rede (Lévy, 1999), o desejo de estabelecer vínculos se estende ao espaço virtual, no qual os usuários criam perfis que possibilitam estreitar as relações tempo-espaço, formam grupos com características e interesses similares, sentimento de comunidade e perenidade (Machado; Tijiboy, 2005). Os grupos veiculam e propagam discursos a todas as esferas, são convites para compreendermos as relações no tempo presente.

Nessas águas agitadas do avanço tecnológico e da internet, esses espaços de interação social se tornam cada vez mais simbólicos. São vozes que se propagam, independentemente da distância real entre os interlocutores, e compartilham, ressignificam,

constroem, rejeitam ou acolhem outras vozes, transformando assim as águas em mares polifônicos.

É nesse contexto que este trabalho se inscreve, materializa a necessidade de professoras do Instituto Federal (IF) de ampliarem os olhares, direcionando-os para os discursos que circulam nas redes sociais virtuais e que têm como protagonistas os educandos. Consideramos que um estudo empírico dos discursos da rede pode desvelar relações sociais ocultas no espaço escolar e trazer indagações sobre a prática educativa, destarte, ponto de partida para um repensar de práticas pedagógicas que dialoguem com o real.

Considerando o quantitativo de redes sociais, nas mais diversas plataformas, optou-se pelo Facebook. Criado em 2003, por estudantes, a rede social tinha como objetivo divulgar informações sobre a rotina da instituição em que estavam inseridos à comunidade acadêmica. Todavia, já em 2004 o serviço estava disponível e aberto ao público e, surpreendendo as expectativas, atingiu em 2023 um total de 3,8 bilhões de usuários. O *site* permite a divulgação de fotos, textos, músicas e vídeos; o *feed*, por meio de algoritmos, possibilita visualizar *posts* de amigos, contatos, perfis de empresas ou páginas que o usuário julgar relevante. No Brasil, o Facebook tem 109,1 milhões de usuários (We Are Social; Meltwater, 2023).

As preocupações desta discussão miram-se em se poder refletir que as *postagens* nas páginas do Facebook também representam valores, atividades cotidianas e práticas educativas que permitem o conhecimento institucional para além dos documentos institucionais. As redes sociais virtuais são também feitas de produções e sentidos, permitindo-nos elaborar e partilhar os novos significados construídos em trânsito e em processo com os recursos digitais, através da tecnologia da tinta eletrônica (Rodriguez de la Flor; Escandell Montiel, 2014), procurando despertar a atenção dos ex-alunos, estudantes, professores, gestores, com evocações permeadas de nostalgia, afeto, saudades, elogios, com *postagens* sobre os tempos escolares.

Pesquisadores vêm ampliando os horizontes de pesquisa científica sobre o universo tecnológico sob vários pontos de vista (Campos, 2013; Martins, 2018; Prada, 2012), procurando buscar respostas para algumas questões sobre as interações sociais na *web*, as práticas sociais em tempo de internet. O conjunto das *postagens* digitais pode oferecer pistas do período passado e permite encontrar descrições variadas sobre a vida cotidiana escolar, as representações de uma época, podendo ser vistas no sentido de Bloch (2001), ao destacar que

a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita; tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele.

Simões (2017) sugere que quando alguém se propõe a apresentar o passado escolar é porque tem em mente fixar um sentido na sua trajetória. As histórias escolares contadas no Facebook ganham sentido à medida que vão sendo apresentadas, destacadas, com imagens, discursos, relatos dos usuários, acumulando-se umas com as outras, de modo que a significação se constrói no momento mesmo em que o sujeito compartilha as suas histórias e experiências escolares.

Diante de tal contexto, foi preciso um olhar sensível para as páginas do Facebook que trouxesse à baila temáticas próprias do universo estudantil e sobretudo dos IFs, lócus das práticas educativas das professoras-pesquisadoras. Mas porque observar os discursos estudantis que circulam nas redes? O que é possível (se é que é) aprender com eles? Nesse mar da *web*, onde as interlocuções ocorrem de forma instantânea, a comunicação é permeada por múltiplos sentidos, as práticas discursivas podem representar a escola. Desse modo, nas linhas que se seguem, optou-se pelas páginas virtuais que veiculam conteúdo produzido pelos alunos na tentativa de captar o cotidiano da instituição que se materializa nos enunciados produzidos e compartilhados.

Por se tratar de uma pesquisa que se volta à cultura *on-line*, especificamente aos fóruns, aos *blogs*, às comunidades e às redes sociais virtuais e, considerando as histórias, a linguagem e as características do ambiente digital, optou-se pelo método denominado *netnografia* (Kozinets, 2014). De natureza qualitativa, tal método permite ao pesquisador observar não apenas o conteúdo, mas também as formas de interação, os sentidos, os significados que se estabelecem entre os interlocutores.

O olhar para as escritas estudantis em rede pode e deve gerar uma inquietação, abrir lacunas e gerar questionamentos que perpassam metodologias e organizações institucionais. Diante de um cenário em constante mudança fora do espaço escolar, “[...] o educador do mundo contemporâneo deve estar sintonizado com a pedagogia dos tempos tecnológicos, que exige a leitura das diferentes linguagens que estão postas no mundo [...]” (Simões, 2017, p. 195).

## **2- Vozes juvenis à deriva: postagens dos estudantes na web**

Como educadores e inebriados pelos ensinamentos de Paulo Freire (1982), acreditamos que a indagação sobre a prática pedagógica seja permanente, um devir. No

campo educacional, é necessário estar atento não apenas aos documentos oficiais apresentados sob o formato de normativas, diretrizes e currículos prescritos, mas também observar a relação dialógica que se estabelece com os educandos na busca da compreensão das suas experiências e desafios.

Nesse contexto, onde encontrar, para além dos espaços escolares cotidianos, representações, que pudessem externar as expectativas discentes? Ao se tratar de sujeitos jovens, o universo digital e as suas tecnologias parecem ser um caminho, as escritas envolvidas em múltiplos aspectos semióticos e semânticos, próprios dos espaços digitais, apresentam-se como vozes que evocam o processo tecnológico e as relações que dele decorrem.

Com o desenvolvimento e o aprimoramento de tecnologias da informação, várias possibilidades de interação entre os sujeitos foram surgindo. Lévy (1999) ajuda a refletir que estamos, em maior ou menor grau, entrecruzados pelas tecnologias, fato que modula nossas interlocuções com outros sujeitos, podendo, dessa forma, os espaços virtuais e especificamente as redes sociais ser considerados guardiões de traços culturais que surgem em uma sociedade, marcada pela volatilidade e volume informacional.

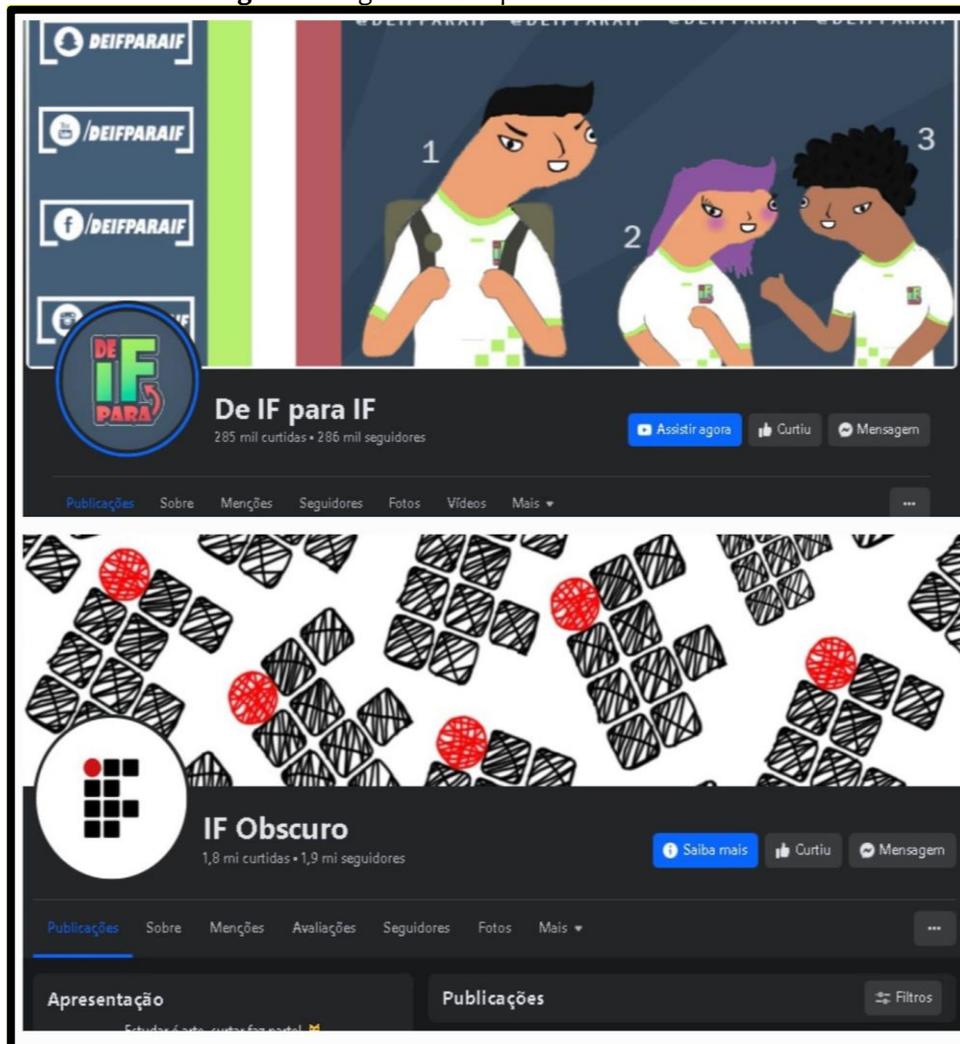
Apesar da efemeridade, é possível olhar para redes sociais como um espaço que possibilita trocas. Os estudos de Bakhtin (2006, p. 96) nos alertam a observar o poder do discurso; segundo o autor, a palavra está revestida de sentidos ideológicos e vivenciais, assim, “compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Com um pouco de ousadia podemos destacar os posts como narrativas que procuram de forma pública atrair olhares e como forma de acalento, sensibilizar.

As narrativas revisitam a vida na escola, explicam fenômenos, ilustram situações, constroem significados e o imaginário desses sujeitos. Jelin (2017) chama a atenção para a construção da memória estando em movimentos dialógicos com os tempos históricos, levando às ressignificações e à incorporação das novas memórias adquiridas em temporalidades diversas com representações.

As páginas do Facebook “IF Obscuro” e “De IF para IF” foram selecionadas por partilharem dilemas estudantis de alunos matriculados em IFs, ambas trazem, sob forma divertida, num misto de ironia e informação, o cotidiano do alunado dentro dos educandários. Com o slogan “Estudar é arte, surtar faz parte! 🐱 – Memes sobre a vida de estudante 🤪 🎓”

a página “IF Obscuro” agrega 1,9 mil usuários desde o seu registro na plataforma em 2015. “De IF para IF” foi criada em 2013 e atualmente tem registrados 286 mil usuários.

Figura 1 – Páginas “De IF para IF” e “IF Obscuro”



Fonte: Adaptação realizada pelos autores a partir da captura de tela das redes sociais (Início, 16 dez. 2023; Página, 16 dez. 2023).

Ao observarmos o *layout* das páginas, é perceptível o convite feito aos usuários, o logo comumente utilizado pelos institutos já deixa entrever que aquele é um espaço de encontros. Apesar de as páginas direcionarem-se ao público estudantil dos IFs, há a presença de estudantes de outras instituições de ensino (privadas e públicas), além de alunos de ensino médio, ensino superior e professores que comentam e sugerem publicações.

Nesse contexto descontraído e salpicado de criticidade se produzem enunciados que explicitam a rotina da instituição. Os IFs ofertam ensino técnico nas modalidades subsequente<sup>1</sup>, concomitante<sup>2</sup> e integrado<sup>3</sup>; no nível superior, há licenciaturas, bacharelados e tecnólogos, além de cursos de formação inicial e continuada, somando-se também os estudos *lato sensu* e *stricto sensu*.

Como professoras da educação básica de nível médio e atuantes no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), os olhos das pesquisadoras voltaram-se a postagens que pudessem desvelar o cotidiano desses educandos: O que significam esses enunciados dos estudantes sobre a organização curricular da instituição? De que forma esses sujeitos se expressam e como tais posts podem ser significativos quando se pensa no processo de ensino-aprendizagem? Será que esses enunciados são apenas discursos à deriva, nesse mar da web? Posto isso e com licença poética, navegamos no “info-mar” (Pela [...], 1997) e iniciamos a retirada dos tesouros (Figura 2) a seguir.

Figura 2 – Captura de tela do post “Estudante não é gente”



Fonte: Página “IF Obscuro” (Estudante [...], 2 dez. 2023).

O post acima (Figura 2) teve 315 compartilhamentos; 2,6 mil reações de engajamento e 87 comentários, dentre eles podem-se destacar duas postagens. A Usuária A<sup>4</sup> escreveu: “O pessoal surtando com 6 matérias X eu explicando que no último ano tive quase 18 matérias”. A Usuária B relata: “Tem umas matérias que parece que colocaram só para preencher a grade curricular pq sentido não tem”.

Os dois enunciados chamam a atenção dos participantes, com muitas reações deles se desdobram outras falas que se complementam e se intercalam, ora demonstrando a angústia, estas sempre relativas aos calouros; ora superação, quando os usuários são egressos. Os posicionamentos apresentados trazem para discussão uma realidade presente em grande parte dos Institutos Federais: uma grade curricular extensa para abarcar disciplinas do núcleo técnico e do núcleo comum. Nesse contexto, destacamos outra postagem na Figura 3.

Figura 3 – Captura de tela de post da página “De IF para IF”



Fonte: Página “De IF para IF” (Sobrecarga [...], 11 set. 2023).

A postagem acima foi realizada em outra rede social, mas repostada na página do Facebook. A publicação realizada pelo administrador da página apresenta um dilema cotidiano para os alunos das instituições federais: o quantitativo de disciplinas que resultam em um número elevado de atividades acadêmicas e avaliativas. Mas por que tais postagens chamam a atenção?

Para além da linguagem conotativa que reveste de ironia grande parte das postagens e considerando que os discursos estudantis são resultantes de suas vivências, encontram-se estudos que problematizam a perspectiva disciplinar e seus desdobramentos dentro do ensino integrado (Garcia, 2017; Padoim, 2020). Os autores discutem as instituições politécnicas, apresentam o viés histórico de suas origens e lançam um olhar analítico para os documentos curriculares das instituições, apontando as dificuldades de se promover a educação integradora preconizada na gênese dos IFs.

É preciso destacar que o ideário de ensino integrado que norteia os documentos oficiais dos IFs propõe a superação da formação técnica voltada apenas ao mercado de trabalho, sendo necessário romper com a ideia reducionista e hegemônica na formação de sujeitos. Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem deve ser entendido como potencializador, gerando conhecimento e aprendizagens, tendo como porto de partida práticas com a realidade e perspectivas de emancipação.

É nesse sentido que Padoim (2020, p. 296) aponta a necessidade de se estipularem ações pedagógicas diferenciadas, as quais sejam “mais significativas e aproximadas com a realidade concreta dos sujeitos, intensificando o interesse dos estudantes”, e afirma que em “experiências eventuais, espontâneas e descontínuas, por iniciativa dos professores” observou-se “maior interesse e envolvimento dos alunos”. Dessa forma, o questionamento do pesquisador dialoga com os dilemas apontados pelos estudantes no post, quando se trata

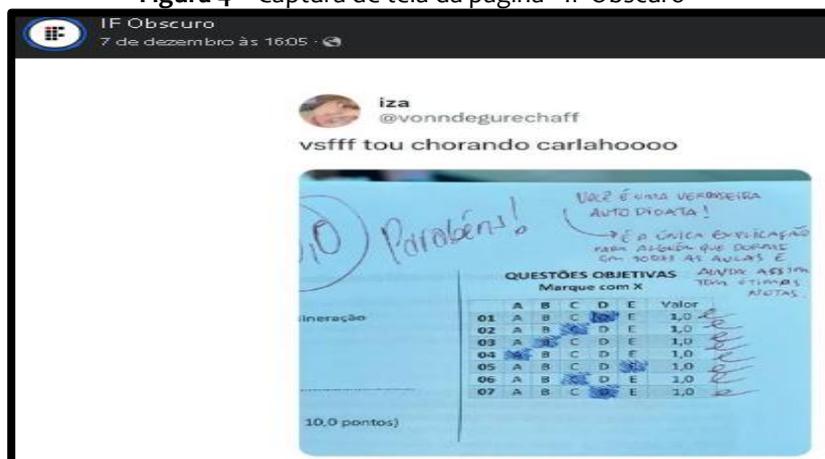
de disciplinas curriculares, de atividades escolares e consequentemente da saúde emocional do jovem.

A discussão é endossada pelos apontamentos de Garcia (2017, p. 232), os quais retratam que “mesmo atuando em uma concepção de ensino na qual um dos pressupostos é a integração dos conteúdos, os professores ainda planejam suas aulas de forma individualizada e não há uma articulação entre as áreas do ensino médio e a EP<sup>5</sup>”, como consequência há a proliferação de atividades acadêmicas e uma jornada exaustiva de atividades.

É importante destacar que grande parte das postagens nas páginas estão relacionadas ao acúmulo e à sobrecarga de atividades acadêmicas. Os estudos de Marques, Gasparotto e Coelho (2015) esboçaram que tais atividades apresentam-se como fator estressante para mais da metade dos estudantes de nível médio e sinalizaram que o quantitativo de questionamentos pode acender um sinal de alerta.

Os discursos dos estudantes que se entrecruzam nos remetem aos conceitos bakhtinianos de polifonia, dialogismo e intertextualidades, o que se pensa ser um discurso único e original está imbricado por outros textos, contextos, outras vozes. Assim, ao publicar um post, o adm<sup>6</sup> objetiva provocar os usuários, gerar engajamento e iniciar discussões a fim de que em suas práticas de escrita, os participantes revelem o inconformismo com regras, com a organização da instituição e lancem táticas cotidianas que permitam subverter as normas e apresentem maneiras de se reapropriar do espaço escolar em seu próprio benefício (Certeau, 2009). A seguir, analisa-se a Figura 4, oriunda da Página “IF Obscuro”.

Figura 4 – Captura de tela da página “IF Obscuro”



Fonte: Página “IF Obscuro” (Comentário [...], 7 dez. 2023).

A imagem apresentada tem um tom sarcástico, em sua anotação o professor aponta que, apesar de dormir em sala, a aluna obteve 100% de aproveitamento na atividade avaliativa.

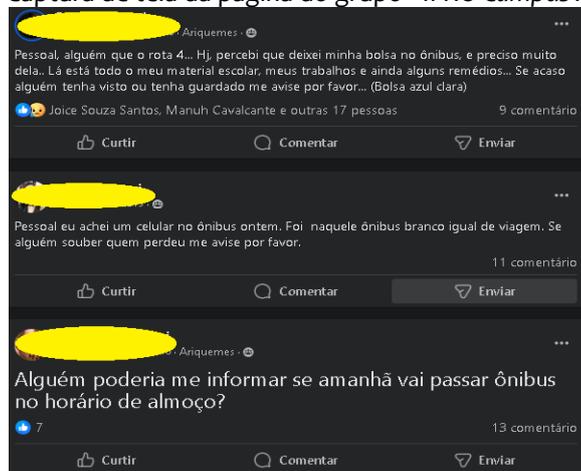
O discurso docente propicia muitos comentários, desde a citação de nomes de colegas de classe que vivenciam a mesma situação até relatos de si, como os elencados adiante (IFROBSURO, 2023): “Não ironicamente eu em física/ O professor só mandava ler o livro / Eu lia em casa com professor do YouTube” (Usuária C); “Não consigo aprender em sala de aula. Presto atenção só por educação e respeito aos professores, mas não absorvo nada. Chego em casa e estudo sozinho porque tenho meu próprio jeito de estudar” (Usuário D); “O nome disso é youtube, com professores melhores, aulas direto ao ponto e exercícios resolvidos de fácil a difícil” (Usuário D).

A postagem traz à baila vários debates pertinentes ao campo da educação, todavia tomemos como ponto de análise as práticas de aprendizagem adotadas pelos usuários, rompendo com o processo de ensino que ocorre exclusivamente dentro das salas de aula. Ao citarem a plataforma de vídeos YouTube, os alunos apenas materializam em seu discurso práticas cotidianas do estudar.

Para além das páginas de alcance nacional, optou-se por navegar nas páginas do Facebook do IFRO<sup>8</sup> na tentativa de se verificar como os enunciados desenham as necessidades locais; todavia, a busca conduziu a páginas administradas pelo próprio instituto que apresentam as ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas nos *campi*.

Um mergulho em águas mais profundas nos conduziu à página do grupo no Facebook “IFRO Campus Ariquemes”, uma das poucas alimentada e conduzida pelos educandos; nela é possível verificar conversas que interessam apenas aos discentes do *campus*, retratando a importância da ferramenta como troca de informações entre os usuários, como se examina adiante.

Figura 5 – Captura de tela da página do grupo “IFRO Campus Ariquemes”



Fonte: Adaptação realizada pelos autores a partir da captura de tela das redes sociais (Postagens [...], 16 dez. 2023).

Para além das escritas sobre o cotidiano dos alunos (Figura 5), há também o compartilhamento de ações que ocorrem nas instituições: eventos, cursos de formação continuada, divulgação de atividades do âmbito de pesquisa ou extensionistas. Na passagem do feed<sup>9</sup>, a postagem abaixo (Figura 6) chama a atenção:

Figura 6 – Captura de tela do grupo IFRO Campus Ariquemes



Fonte: Grupo IFRO Campus Ariquemes no Facebook (Jornal [...], 9 fev. 2017).

A figura 6 é um *print*<sup>10</sup> da página do grupo IFRO Campus Ariquemes, apresentando uma atividade realizada dentro da instituição escolar, uma ação colaborativa entre professores de linguagens e informática básica. Destaca-se a produção de um jornal que circulou internamente no *campus* e divulgava informações e produções do próprio alunado. O post totalizou mais de 80 reações e 22 comentários, todos parabenizando a iniciativa e aguardando a próxima edição.

Postagens representadas pelas Figuras 3, 4 e 5 estimulam a troca de informações entre os usuários, e o compartilhamento de experiências e vivências sobre o universo estudantil são vozes sociais que dialogam. Dessa forma é possível “[...] fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar lhe um sentido profundo, ampliá-la” (Faraco, 2005, p. 64). Assim, ao possibilitarem a construção de

um discurso próprio, descortinam não somente experiências negativas, de aulas enfadonhas, mas também de ações positivas dentro da instituição escolar, e abrem espaço para o debate sobre ações educativas que despertem o interesse dos educandos.

Ações diferenciadas no processo de ensino-aprendizagem podem se materializar de inúmeras formas: o jornal escolar demonstra como pontos favoráveis o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, bem como o incentivo à pesquisa para a produção de conteúdo, apresenta-se como uma ferramenta pedagógica no que tange às atividades de integração curricular, além de ampliar o olhar para questões sensíveis que permeiam a comunidade escolar e seus membros.

É preciso destacar que no tempo presente a tecnologia permeia todos os processos sociais: os estudantes, usuários das redes sociais virtuais, são nativos digitais (Barton; Lee, 2015), por conviverem desde muito cedo com as tecnologias que os rodeiam, são letrados digitalmente, logo, sabem navegar nos mares da web, dominam as ferramentas digitais e usam as redes e as plataformas como ferramentas que podem expandir o processo de ensino-aprendizagem oriundo do espaço escolar. A postagem acima lança questionamentos sobre a prática docente dentro desse contexto tecnológico e pode ser complementada pela afirmação de Zubler, Leite e Maso (2014, p. 223) de que “a educação contemporânea parece não se sustentar, prioritariamente, com suas práticas tradicionais de ensino, sem considerar o que o aluno traz de suas ações cotidianas”.

Sobre o campo das práticas pedagógicas, encontramos em Freire (1982) um caminho profícuo para nossa discussão, já que, conforme assertivas do autor, uma das características essenciais ao educador é “reconhecer nos outros – os educandos no nosso caso – o direito de dizer sua palavra. Direito deles de falar que corresponde ao nosso dever de escutá-los”. Nesse sentido, a aproximação das vozes discentes pode irromper questionamentos sobre o espaço escolar, a organização curricular e as ações de ensino.

Aqui, cabe reavivar o caráter dialógico existente no processo educativo, no qual a relação entre os agentes é essencial; educadores e educandos exercem o papel de coparticipantes ativos (Freire, 1987). Por meio dessa troca, a ação docente é alicerçada em um movimento crítico sobre sua própria prática, seria um “pensar para o fazer” e “pensar sobre o fazer” (Freire, 1996).

Um caminho para a construção de conhecimento perpassa ações educativas, atuando o professor como um agente que pode dinamizar, orientar e ampliar o leque de

conhecimentos dos educandos ofertando possibilidades para ressignificar as aprendizagens. Para uma aprendizagem coletiva que lance os olhares não apenas ao saber enciclopédico, mas que considere as relações que se constituem nos arranjos e práticas sociais para além do muro escolar, é preciso agregar as produções culturais e os saberes produzidos no mundo real e virtual ao currículo.

### **3- Aproando as práticas pedagógicas: algumas considerações**

Já dizia Leonardo Boff (1997, p. 9) que “todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão do mundo”; é com esse mote que este trabalho foi construído. Não há pretensão de esgotar o tema, o que se busca é um olhar sensível ao outro, aqui representado pelos estudantes de nível médio-técnico. Nesse viés, educadores-pesquisadores podem se aproximar das vozes dos educandos para uma escuta sensível por meio de suas postagens nas redes sociais, tomando-as simbolicamente como questionamentos para as próprias práticas.

Essas vozes estudantis que se lançam encontram, nos aparatos tecnológicos atuais, outras vozes. Os *posts*, mediante múltiplas linguagens, vão revelando as táticas dos estudantes para enfrentarem os desafios postos pelo cotidiano escolar nos IFs. São acontecimentos corriqueiros revestidos de ironia que revelam as relações que se organizam dentro das instituições escolares. Ao adentrar essa “info-maré” (Pela [...], 1997), o que se percebe são enunciados revestidos de criticidade, apesar de publicados em páginas consideradas humorísticas e administradas por estudantes. Quais os explícitos e implícitos que tais discursos nos mostram enquanto docentes?

De imediato chama-nos atenção o quantitativo de postagens das páginas referentes à sobrecarga física e mental gerada pela organização curricular dos IFs. Com uma grade curricular que abarca as disciplinas técnicas e da base comum que se desdobram em um quantitativo excedente de trabalhos, seminários e atividades avaliativas, é perceptível que a proposta de educação voltada à formação integrada não parece ser realidade.

Outra observação decorre da sensação de liberdade que os usuários acreditam existir na *web*. Nesse universo paralelo à instituição escolar, longe dos regulamentos, as falas estudantis se materializam em formato de comentários, *posts*, *prints*, e vão desvelando ações pedagógicas dos educadores, ora positivas, ora negativas. Essas postagens representam valores culturais, simbólicos, o que pode remeter às reflexões de Certeau (1982) com os

modos de proceder na criatividade cotidiana, apresentando as experiências escolares nas redes sociais como representações de práticas, metodologias e ressignificação histórica.

Se por um lado se observam interesses dos usuários em postar memórias nessa rede social virtual, por outro, parece também haver alguns depoimentos que não circulam nessas comunidades não são ditos ou exibidos; os silêncios também povoam o cenário virtual. Os estudos de Ecléa Bosi (2000) apontam que o que é escrito desse relicário de lembranças está orientado por uma necessidade determinada pelo momento atual e, assim, os supostos lapsos de memória não podem ser considerados apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas podem, nessa perspectiva, constituir partes do próprio texto.

Os registros compartilhados evocam as expectativas e percepções dos agentes envolvidos no processo educativo, que consideram as redes sociais um caminho para partilharem suas vivências e pavimentarem um caminho de empatia.

Reconhecemos as limitações deste estudo ao voltar-se apenas ao Facebook e apontamos a necessidade de que outros canais de interação virtual dos estudantes sejam objeto de estudo, afinal as redes cumprem seu papel ao proporcionar a interação entre os usuários, fazendo com que informações circulem e alcancem outros estudantes, posto que servem também como registros culturais de toda uma geração nativa digitalmente.

Também acrescentamos que tais observações só podem ser consideradas quando o educador se encontra disposto a fazer um movimento de reflexão sobre suas atitudes pedagógicas, entendendo tais atitudes como necessárias ao processo de autoformação, no qual a curiosidade se torna o passo inicial para uma busca que deve ser inerente para ampliar ações educativas.

Se, como diziam Lulu Santos e Ed Motta (Como [...], 1983), “[...] a vida vem em ondas como um mar, num indo e vindo infinito [...]”, talvez as postagens sejam como um SOS<sup>11</sup>, nos instigam a repensar as práticas educativas, tomando como ponto de partida as vozes juvenis que ecoam da *web*, permitindo-nos ressignificar ações, afinando-as como o contexto sociocultural no qual estamos todos imersos.

### Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARTON, David; LEE, Carmem. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola, 2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 21-48.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

[COMENTÁRIO ofensivo de professor em prova]. **IF Obscuro**, [s. l.], 7 dez. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/ifobscuro>. Acesso em: 16 dez. 2023.

COMO uma onda. Intérprete: Lulu Santos. Compositores: Lulu Santos; Nelson Motta. In: **ÚLTIMO Romântico**. Intérprete: Lulu Santos. Rio de Janeiro: WEA: 1987. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (3 min).

[ESTUDANTE não é gente]. **IF Obscuro**, [s. l.], 2 dez. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/ifobscuro>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BETH, Brait (org.). **Bakhtin: conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do educador**. [S. l.]: Vereda, 1982. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/1475>. Acesso em: 23 dez. 2023.

GARCIA, Julio Cezar. **O ensino médio integrado no instituto federal goiano: a percepção de professores sobre os desafios e possibilidades para a consolidação da formação humana integral**. 267f. Tese do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

[INÍCIO]. **De IF para IF**, [s. l.], 16 dez. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/DelFparaIF>. Acesso em: 16 dez. 2023.

JELIN, Elizabeth. **La Lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

[JORNAL IFederal]. **IFRO Campus Ariquemes**, [s. l.], 9 fev.2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/268236876533713/search?q=jornal>. Acesso em: dez, 2023.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Coleção Trans.

MACHADO, Joicemegue Ribeiro; TIJIBOY, Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **Revista Renote: Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-9, maio 2005. DOI:10.22456/1679-1916.13798. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13798/7994>. Acesso: 20 dez. 2023.

MARQUES, Claudio Portilho; GASPAROTTO, Guilherme da Silva; COELHO, Ricardo Weigert. Fatores relacionados ao nível de estresse em adolescentes estudantes: uma revisão sistemática. **SALUSVITA**, Bauru, v. 34, n. 1, p. 99-108, 2015.

MARTINS, Raimundo. Notas sobre autobiografia, narrativas/imagens digitais e artes. MIGNOT, Ana Chrystina; MORAES, Dilane Zerbinatti; MARTINS, Raimundo (org.). **Atos de biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes**. Curitiba: CRV, 2018. p. 51-62.

PADOIN, Egge. **Concepções do ensino médio integrado no Instituto Federal de Santa Catarina: possibilidades a partir do referencial CTS**. 338f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

[PÁGINA]. **IF Obscuro**, [s. l.], 16 dez. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/ifobscuro>. Acesso em: 16 dez. 2023.

PELA Internet. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. In: **QUANTA**. Intérprete: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: WEA: 1997. 2 CDs, CD 1, faixa 10 (4 min).

[POSTAGENS diversas]. **IFRO Campus Ariquemes**, [s. l.], 16 dez. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/268236876533713/search?q=jornal>. Acesso em: dez, 2023.

PRADA, Juan Martín. **Prácticas artísticas e internet en la época de las redes sociales**. Madrid: Ediciones Akal, 2012.

RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando; ESCANDELL MONTIEL, Daniel. **El gabinete de Fausto: teatros de la escritura y la lectura a um lado y otro de la frontera digital**. 1. ed. Madrid: CSIC, 2014.

SIMÕES, Robson Fonseca. Conectados na internet, inspirados na escola: ações pedagógicas com a Língua Portuguesa no IFRJ. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 49, p. 194-205, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/issue/view/1349>. Acesso em: 15 dez. 2023.

[SOBRECARGA acadêmica]. **De IF para IF**, [s. l.], 11 set. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/DelFparaIF>. Acesso em: 16 dez. 2023.

WE ARE SOCIAL; MELTWATER. **Digital 2023 global overview report: the essential guide to the world's connected behaviours**. 2023. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/the-changing-world-of-digital-in-2023/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

ZUBLER, Élide P. Pavanelli; LEITE, Joana R. Moreira; MASO, Luci T. Kroetz. O dialogismo na era digital. **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, ano 11, n. 16, p. 213-228, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/2954>. Acesso em: 19 dez. 2023.

## Notas

---

<sup>1</sup> Cursos ofertados a quem já concluiu o ensino médio.

<sup>2</sup> Nos cursos concomitantes, a formação é feita de forma separada. Os estudantes cursam as disciplinas do ensino médio em uma instituição e fazem a formação técnica no Instituto Federal.

<sup>3</sup> No curso integrado, o estudante realiza o ensino médio e o curso técnico juntos, ou seja, de forma integrada.

<sup>4</sup> Por opção metodológica e ética, os nomes dos usuários foram suprimidos, a fim de manter o anonimato sobre suas identidades. Apesar de as postagens estarem em uma rede aberta ao público, consideramos que os usuários são pessoas jovens e, como pessoas em desenvolvimento, estão mais inclinadas a mudar seu juízo acerca de suas próprias condutas com o passar do tempo. Tomamos o mesmo cuidado ao citar os usuários no corpo do texto, identificando-os com letras em ordem alfabética, bem como nos créditos das figuras, indicando apenas a página de onde foram retiradas. O discurso deixa subentendido que a usuária é egressa da instituição federal, na qual cursou o ensino médio técnico.

<sup>5</sup> O autor usa as siglas EP para tratar da grade curricular voltada às disciplinas técnicas.

<sup>6</sup> Adm é o termo usado para designar o administrador da página.

<sup>7</sup> Texto escrito pelo professor: “Parabéns! Você é uma verdadeira autodidata. É a única explicação para alguém que dorme em todas as aulas e ainda assim tem ótimas notas”.

<sup>8</sup> As docentes trabalham no IFRO, por isso a escolha por essa instituição.

<sup>9</sup> Expressão utilizada para nomear uma lista de histórias da página inicial do Facebook que está em constante atualização. O *feed* contém atualizações de *status*, fotos, vídeos, *links*, atividades de aplicativos e curtidas de pessoas.

<sup>10</sup> Expressão utilizada para nomear a captura de tela.

<sup>11</sup> Código universal, de origem marítima, para pedido de socorro.

## Sobre as autoras

### Mirian de Oliveira Bertotti

Doutoranda do PPGEEProf -Programa de Pós-graduação em Educação Escolar - UNIR. Mestra em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia-PPGEE/MEPE (2017). Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura. Graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Rondônia (2007). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO - Campus Ariquemes. Endereço eletrônico: [mirian.bertotti@ifro.edu.br](mailto:mirian.bertotti@ifro.edu.br), ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-3068>.

**Geovânia de Souza Andrade Maciel**

Cursando Doutorado Profissional Em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (2021). Mestra em Letras (UNIR-2019), na Área de Línguas, Linguagens e Culturas Amazônicas, na Instituição Universidade Federal de Rondônia. Pós-graduação em Língua Inglesa (AJES-2007). Graduação em Letras (FAEC-2005) e graduação em Serviço Social (UNIP-2019). Docente de Língua Portuguesa e Literatura brasileira do IFRO - Instituto Federal de Rondônia - Campus Ji-Paraná. Endereço eletrônico: geovania.maciel@ifro.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5915-1178>.

**Robson Fonseca Simões**

Pós-doutorado em Educação (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da UERJ, estágio Pós-doutoral na Universidade de Alcalá, Espanha; Professor Adjunto do Núcleo de Ciências Humanas, no Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia/UNIR, campus Porto Velho; atua na Graduação, nas Licenciaturas e na Pós-Graduação; docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEE/UNIR). Endereço eletrônico: robson.simoes@unir.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0046-9549>.

Recebido em: 05/02/2024

Aceito para publicação em: 25/08/2024